

Brasília ainda chega lá

BRASÍLIA — Brasília entende rapidinho, e já começa a mudar. A elegância do casal FHC deu o tom em todas as cerimônias, e nem a peruagem — tradicional, em festas de posse — teve vez.

As mulheres estavam bonitas, elegantes e — dentro do possível — bastante sóbrias. O Itamaraty, o mais belo palácio do DF, foi o cenário perfeito para a festa, mas sinceramente: precisava ter tanta gente?

Impossível ver mais de um terço dos presentes. Olha ali Eduardo Azeredo — já falou com Babenco? Tasso Jereissati, com seus olhos azuis transparentes — e André Lara, Silvia Pfeiffer, Daniel Dantas, Baby Consuelo? Ah, essa festa tinha é que ter durado umas 48 horas. Brasília estava o máximo, e chique demais.

Quando D. Ruth escolheu usar um vestido de Issey Miyake, estava pensando além da própria moda. Miyake faz moda para um tempo em que não vão existir mais pessoas para passar as roupas, e as suas podem ser jogadas dentro da mala e usadas dez minutos depois de uma longa viagem; como são transformáveis, podem virar diversos modelos, por isso, prestem atenção: esse — o da posse — vai ser usado muitas vezes, nos próximos quatro anos. Como diz uma elegante, é chique usar um vestido antigo de um bom costureiro: prova que você usa boas roupas há muito tempo. Se ele for japonês, então, arrasa.

Olhando a posse no Congresso, era clara a existência de dois Brasis: o de FHC e um velho, antigo, que já morreu e ainda não sabe.

Na posse, era clara a existência de dois Brasis: o de FH e um velho, que já morreu e ainda não sabe

do do presidente — fora tantos outros, no plenário. Ah, Brasília, a gente chega lá.

A cidade é pequena e todo mundo sabe da vida de todo mundo, o que deve aterrorizar D. Ruth. Mas D. Ruth também aterroriza Brasília, com suas preocupações acadêmicas e sua obsessão pela privacidade. A convivência não vai ser fácil, e já se sabe: qualquer pessoa — seja amiga ou fornecedora — que cometer uma única indiscrição, será cortada sumariamente. Com tanta mulher que daria a vida para estar nessa posição, foi acontecer logo com D. Ruth, que gostava de ir à padaria de Higienópolis comprar um pão-

zinho fresco. A padaria de Brasília é um point, e durante quatro anos esses pequenos prazeres vão estar proibidos à mulher do presidente, oh vida.

O maior problema é que não há

um só minuto de trégua. Quem saiu da festa da posse, exausto, teve de ficar no bar, em pé, por falta de espaço, no meio de deputados, senadores, ministros e governadores, todos com uma boa intriga na ponta da língua, para deleite geral. E depois de desistir — mesa, nem pensar — e se conformar em ir para o hotel com fome, ainda encontrou na portaria do hotel outros políticos, com outras histórias, e se bobear alguém para dizer, que o salto do sapato da primeira-dama quebrou na saída da festa. Relaxar, nem pensar.

Tomara que a corte tenha cuidado e respeito no trato com D. Ruth. E tomara que D. Ruth tenha toda a paciência e serenidade do mundo para enfrentar os próximos quatro anos, que poderão ser os mais difíceis de sua vida.